



NOTÍCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

MICROCRÉDITO / BOLETIM 59 / MARÇO 2015



VIDA NOVA PARA DANIEL NOVO, COM O APOIO DA ANDC E DA AAIMAM

PluriVisio – Media Produções, Lda.

No Verão de 2013, o realizador e produtor audiovisual Daniel Novo sentiu que tinha de abraçar novos desafios profissionais, mas para tal precisava de outras condições de trabalho. Filho de emigrantes de longa data, teve o percurso inverso ao de tantos portugueses e quis fixar-se no norte do país, primeiro no Porto e depois no Minho. Apesar da obra feita na arte audiovisual, não conseguiu resposta positiva junto da banca comercial, dada a sua situação de precariedade profissional e, em simultâneo, o isolamento social fruto da circunstância de toda a família se encontrar em França. Não dispondo de garantias financeiras ou pessoais para apresentar a um dos nossos ban-

cos parceiros, este caso tornou-se um desafio para a própria ANDC.

Todavia, a AAIMAM – Associação de Apoio a Iniciativas de Microempresários do Alto Minho – criada em finais de 2013 por um conjunto de cidadãos da região interessados pelas questões do empreendedorismo e a inovação, dispôs-se a substituir a figura do fiador na responsabilização por 20% do valor do Microcrédito contratado com a CCAM do Noroeste, assegurando a oportunidade de dar um novo alento à atividade deste empreendedor. Já decorria o ano de 2014 quando a proposta de financiamento foi aprovada e meses mais tarde é criada a PluriVisio – Media Produções, Lda. Hoje sente reforçado o enorme potencial de criação, produção e realização de audiovisuais personalizados, bem como a prestação de serviços audiovisuais, de design, webdesign e multimédia, agora que tem nova capacidade proporcionada pela “alavanca” do Microcrédito. ■ Marta Mucha

EDITORIAL

CONTINUIDADE E NOVOS DESAFIOS

Assumimos a missão de pilotar a ação da ANDC no biénio 2015-2016. Fizemo-lo com profunda consciência da responsabilidade que advém do já longo historial da Associação e do seu papel pioneiro na afirmação da valia do microcrédito enquanto aposta na capacidade dos mais vulneráveis para criarem, com autonomia, uma alternativa a situações de desemprego e de exclusão. E com a consciência, também, de que recebíamos das Direções passadas um legado de empenho, rigor e profissionalismo – que não saiu diminuído pelo facto de ser trabalho de voluntariado – e da necessidade de estar à altura da dedicação dos colaboradores que compõem a estrutura, sejam os que auferem remuneração seja, sobretudo, o leque de colaboradores voluntários nas comissões de crédito e no atendimento.

A realidade social e económica atual e o novo quadro das políticas públicas, colocam-nos novos desafios e a Associação tem de encontrar respostas para continuar focada nos que correm o risco de ficar à margem, mas ao mesmo tempo voltar a ser pioneira na afirmação de novas abordagens para que os mais vulneráveis

possam ter direito à iniciativa económica e ao empreendedorismo. Só assim fará jus à confiança que nela depositam as entidades com quem foram estabelecidas parcerias e renovará a sua razão de ser.

A valia do microcrédito, de que a ANDC foi pioneira em Portugal, está finalmente assumida na sociedade e nas políticas públicas. Fiel aos seus princípios, a ANDC congratula-se com as diversas iniciativas para disponibilizar instrumentos de microcrédito e disponibilizar-se-á para ser parceiro das mesmas.

Os colaboradores da ANDC têm um capital de experiência no apoio aos microempresários, sobretudo na fase de preparação do projeto, que é único e tem de ser valorizado por uma maior presença nas parcerias territoriais para o desenvolvimento social, o que nos irá exigir a diversificação das formas de atuação.

Para isso, o maior desafio que, como Direção, se nos coloca é o de saber mobilizar as competências, que são muitas, e as vontades de todos os associados. Sabemos que podemos contar com todos. ■

No percurso profissional de Pedro Félix há muitas experiências a contar: desde professor de matemática do ensino secundário – apesar de ser licenciado em Economia –, a coordenador de projetos na área das energias renováveis, numa altura em que nada ou pouco se sabia sobre a temática.



São experiências de errância; moveram-no de um ponto do país para outro e em curto espaço de tempo; ora 6 meses, ora 1 ano, mas tempo suficiente para conhecer realidades sociais distintas: “no interior rural do Algarve foi onde percebi o que era a pobreza extrema. Que era uma coisa que eu não via em Trás-os-Montes, que é uma zona relativamente pobre mas a terra dá. No interior do Algarve a terra dá mas durante muito pouco tempo”. É este também o tempo em que se apercebe de que gosta de estar ligado

a projetos, de os ajudar a implementar e de os ver evoluir.

Quando chegou à ANDC, em 2002, trazia consigo estas experiências que muito contribuíram para desenvolver um modelo de análise das candidaturas que chegam até si; são muitas em 13 anos de trabalho – estima que sejam mais de 700 iniciadas e cerca de 200 aprovadas. Deste trabalho tem surgido a oportunidade de encontrar uma prática sistémica de análise de projetos: “verifiquei que existiam *outliers*, ou seja, consegui identificar que nos extremos encontravam-se os melhores e aos piores.”. Isso permitiu-lhe “observar quais são os fatores relevantes nos melhores e nos piores projetos” e definir uma estratégia de ação.

Que fatores, afinal, determinam a viabilidade de uma candidatura? Pedro anuncia que o mais relevante é o perfil do candidato, o potencial que apresenta desde o início da candidatura: a capacidade de organização, transparência, facilidade de contacto com os outros, capacidade de trabalhar em equipa – mesmo sendo família –, grau de dificuldade que apresentam na análise das situações. “[Hoje] tomo decisões mais simples porque ganhei outra experiência e conhecimento dos perfis. Que é fundamental. Embora isto não esteja escrito em lado nenhum. Tem a ver com a sensibilidade.”

Acredita que é necessário estabelecer-se com o candidato um grau de confiança. Às vezes, reconhecem-no para além das suas funções de técnico, como alguém que se interessou verdadeiramente. “Eu lido com as pessoas, de certa forma, como um facilitador mas que não deixo de ser exigente.”. Ao candidato passa parte da responsabilidade da escrita do projeto, trabalhando com ele em documentos colaborativos, através da Internet, que permitem uma fácil revisão, bem como um maior grau de detalhe e de consistência da própria candidatura.

Nem só os projetos de negócio alimentam as suas experiências profissionais. A música está, desde sempre, na sua vida. Considera-se um autodidata musical e canta num coro há 18 anos. Tem também dedicado parte do seu tempo a instrumentos de cordas, nomeadamente à viola e ao uquelele. “Estou sempre a pensar em música. Oiço-a interiormente.”. Confessa que é uma necessidade em encontrar harmonia tanto interior como exterior. ■

NOVO CONTEXTO DO MICROCRÉDITO E DA AÇÃO DA ANDC

Direção da ANDC

A ANDC está a fazer dezassete anos. O seu papel pioneiro na afirmação do microcrédito granjeou-lhe o reconhecimento de entidades públicas e privadas, cujas parcerias lhe têm permitido uma ação de proximidade aos microempresários, desde o apoio à conceção do projeto e preparação e validação do dossiê de financiamento até ao acompanhamento dos micronegócios ao longo de todo o período de reembolso do empréstimo. É com o capital dessa experiência, construída pela ação no terreno, que a ANDC parte para uma nova fase em que o microcrédito tenderá a estar plenamente integrado no leque de instrumentos das políticas públicas.

Da experiência da ANDC, em particular nos anos mais recentes, retiramos cinco ensinamentos que reputamos de fundamentais para a ação futura.

Em primeiro lugar, a experiência revela que não é suficiente a disponibilização de crédito e que o financiamento está no final da cadeia que leva à criação de uma microempresa. A evolução da procura efetiva de microcrédito nos tempos de crise confirma que quanto maior é a vulnerabilidade mais difícil se torna pensar em alternativas e encontrar caminhos viáveis. Por isso, o microempresário que chega à fase de obtenção de um microcrédito é, só por esse facto, um vencedor, porque conseguiu, no meio das suas condições de vulnerabilidade, encontrar uma ideia de micronegócio, transformá-la num projeto e fazer com que outros acreditem nele. E é nesta fase de concepção do projeto que mais necessita de apoio e encorajamento e que a ação da ANDC demonstra todo o seu potencial.

O segundo ensinamento da experiência é a dificuldade de a informação sobre os apoios disponíveis atingir os seus destinatários, pondo em relevo a necessidade de um trabalho de proximidade, com uma rede densa de parceiros locais, para que as necessidades das microiniciativas se transformem em procura efetiva das linhas de financiamento disponibilizadas.

Em terceiro lugar, o que hoje está em causa não é apenas o apoio aos que se encontram nas margens da exclusão, para uma atividade de sobrevivência, mas encontrar instrumentos de microfinança que ofereçam soluções para que quem não tem recursos não fique privado do direito à iniciativa económica e da possibilidade de tentar uma atividade independente. Porque surgem novos segmentos-alvo, importa diversificar as formas de atuação e as soluções oferecidas.

O quarto ensinamento da experiência é a necessidade de modelos flexíveis de microcrédito. As dificuldades diferenciadas dos alvos do microcrédito não se compadecem com modelos únicos de concessão de financiamento, nem com procedimentos pesa-



dos de aprovação. Aprofundar a natureza das necessidades de apoio financeiro que melhor respondam aos projetos e aos seus promotores é condição de eficácia dos instrumentos que vierem a ser criados.

Por último, importa destacar a necessidade de encontrar adequados mecanismos de apoio pós-investimento. O estudo recentemente realizado pela ANDC de avaliação da sua experiência de microcrédito conclui que “a eficácia do microcrédito não se traduz apenas no sucesso do negócio apoiado, mas também no ganho de competências profissionais e sociais adquiridas na fase de implementação do projeto...”. É necessário criar mecanismos que facultem as competências adequadas aos indivíduos que apostam na sua autonomia pela via do microempreendedorismo e do autoemprego.

É este o quadro que informa as linhas de ação da ANDC para o biénio 2015-2016, as quais visam nomeadamente:

- a) Alargar a ação da ANDC no terreno, pondo a sua experiência ao serviço da boa operacionalização dos novos instrumentos e da construção de novas soluções de promoção do microempresário, privilegiando a participação ativa em parcerias de programas territoriais de desenvolvimento social;
- b) Aumentar o número de microcréditos, reforçando o papel do microcrédito como resposta complementar de (e em parceria com) as políticas públicas. A ANDC pretende ser um parceiro ativo das políticas públicas de inclusão social e de promoção do direito à iniciativa económica.
- c) Melhorar o apoio aos microempresários através de soluções es-

pecíficas que respondam às necessidades e contribuam para o desenvolvimento de competências, investindo em instrumentos de voluntariado, na estruturação de serviços *pro bono*, em parcerias com empresas e outras entidades e em soluções de *networking* dos microempresários.

Para isso, temos pela frente um esforço continuado de:

- Prosseguir a adaptação da ANDC ao novo contexto económico e social, alargando o alvo e pondo o foco da sua ação no direito à iniciativa económica, sem descuidar a sua matriz genética de privilegiar os que estão nas margens da exclusão;
- Contribuir para que se melhore o quadro institucional das microempresas e trabalhadores independentes, se desenvolvam microfinanciamentos alternativos e se promovam formas inovadoras de incentivo e apoio à microiniciativa – mobilizando os ensinamentos da sua experiência e aprendendo com as boas práticas internacionais.
- Divulgar os mecanismos de microcrédito, levando-os ao conhecimento das populações alvo, o que passa também pela projeção pública da imagem e da ação da ANDC.

Mais cedo ou mais tarde todas as organizações acabam por ter uma preocupação com as condições da sua sobrevivência. Os novos desafios que se nos colocam são o momento para nos lembrar que as organizações só se justificam enquanto mantiverem uma razão social para existirem. E é essa razão que estamos empenhados em reafirmar e renovar. **■**



Direção da ANDC (da esquerda para a direita): Ana Mendonça, António Mendes Baptista e Francisca Cordovil



SER HUMANO – APOIO SÉNIOR

www.serhumano-apoiosenior.com

Aos 28 anos, a Marisa Patrocínio é a sócia gerente da Ser Humano – Apoio Sénior, empresa de apoio domiciliário que desenvolve a sua atividade com idosos. É natural de Mora e cedo encontrou em Sintra o seu lar. O negócio foi criado em 2013 mas a área não lhe era totalmente desconhecida. A Marisa, logo aos 16 anos, iniciou a sua atividade de apoio e acompanhamento de idosos e, apesar de ter também trabalhado como administrativa numa empresa, sempre idealizou criar o seu negócio nesta área.

Confessa que não é um sector fácil; há muita concorrência e a criação dos laços afetivos com o cliente é muito profunda. A Ser Humano presta serviços ao idoso, desempenhando tarefas desde a limpeza doméstica à confeção de refeições, até cuidados de higiene pessoal ou acompanhamento 24 horas por dia.

Para dar seguimento aos muitos pedidos tem de recorrer à contratação de profissionais, o que obriga a uma seleção rigorosa dos candidatos. É imperativo oferecer um serviço de qualidade através de métodos sistémicos (elaboração de mapas de serviço e de medicação, por exemplo), sem descuidar o carinho e o respeito pela pessoa que está ao seu cuidado.

Chegou à ANDC com a sua ideia já estruturada. Estudou com atenção a documentação que encontrou no *site* da associação. Sabia o que queria e os passos necessários a dar. Com a ajuda do técnico de microcrédito, em dois meses, conseguiu que o seu crédito fosse aprovado e creditado. A Marisa tem uma noção muito apurada do estado em que se encontra o seu negócio. Percebe que ainda tem um caminho a percorrer, mas mostra-se determinada a enfrentar os desafios que possam surgir. **■**

NOTÍCIAS

ASSEMBLEIA-GERAL

Realizou-se, no passado dia 16 de Março, a Assembleia-Geral da ANDC cujo ponto principal da ordem de trabalhos foi a apresentação, análise, discussão e aprovação do Relatório de Atividades e Contas relativo a 2014. O Relatório proposto pela Direção foi aprovado por unanimidade. Do Relatório vale a pena sublinhar a recuperação da atividade da ANDC ao longo do ano, tendo concretizado 170 projetos. **■**

PROTOCOLO CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA DE ALBUFEIRA

Foi assinado o protocolo com a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Albufeira que visa estabelecer um compromisso de cooperação para o desenvolvimento dos objetivos do microcrédito. O valor máximo do microcrédito, nos termos deste protocolo, é de 15 quinze mil euros e o prazo total para reembolso é de 60 meses (5 anos). **■**

PROTOCOLO ANDC E CM DE SETÚBAL

No dia 26 de Fevereiro, a ANDC assinou um protocolo de colaboração com a Câmara Municipal de Setúbal cujo objetivo é contribuir para o desenvolvimento do tecido empresarial do distrito de Setúbal, apoiando quem deseja iniciar um pequeno negócio. A cerimónia de assinatura de protocolo contou com a presença da Presidente da Câmara Maria das Dores Meira e de Ana Mendonça, da Direção da ANDC. **■**

9		CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IMPOSTO LIQUIDADO (LEI Nº 16/2001, DE 22 DE JUNHO)													
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS DO IRS CONSIGNADO							NIPC								
Instituições Religiosas (Art. 32º, nº 4)							<input type="checkbox"/>	901				5 0 4 4 9 6 1 4 0			
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Coletivas de Utilidade Pública (Artº 32º, nº 6)							<input checked="" type="checkbox"/>	901				5 0 4 4 9 6 1 4 0			

IRS 2014

Não se esqueça de, na sua Declaração de Rendimentos relativa a 2014, consignar 0,5% do seu IRS à Associação Nacional de Direito ao Crédito, contribuinte 504 496 140.

Trata-se do benefício fiscal da consignação de quota do IRS, n.ºs 4 e 6 do artigo 32.º da Lei n.º 16/2001 de 22 de Junho). Este benefício não acrescenta quaisquer custos à sua declaração. Divulgue junto de amigos e conhecidos.

Aos leitores deste número do boletim:

Já leu o boletim? Por que não passá-lo a outras mãos? Propomos que o partilhe com alguém ou até mesmo que o deixe num local público, de fácil acesso a outros.

Estará a contribuir para que mais pessoas conheçam a ANDC e, através do microcrédito, iniciem uma nova vida profissional. Obrigado!

www.microcredito.com.pt

microcredito@microcredito.com.pt

www.facebook.com/microcredito ANDC



Projecto apoiado pelo IEFPI-Instituto do Emprego e Formação Profissional

Praça José Fontana, 4-5.º

1050-129 Lisboa

213 156 200 / 808 202 922

custo de chamada local

Rua Júlio Dinis, 728-2.º sala 226

4050-321 Porto

967 397 270 / 968 560 347

ANDC
MICROCRÉDITO

Nas fotografias: Capa João de Brito Gomes (Cozinha de Bairro) - Interior Sofia Burnay (A'vó Leva & A'vó Cuida),

Ficha Técnica: Proprietário e Editor Associação Nacional de Direito ao Crédito

Diretor António Mendes Baptista - Tiragem 4000 exs. - Sede da Redação Praça José Fontana, 4 - 4.º Andar - 1050-129 Lisboa

Design B2RN - Paginação coversatrocada@gmail.com - Impressão Jorge Fernandes, Lda